

# O CAMPEONATO

## do

### Grupo de Xadrez de Lisboa

ou um xeque-mate no xadrez lisboeta...

**C**OMEÇADO em princípios de Junho e concluído só há pouco, após longo intervalo, devido a partidas infinitamente suspensas ou adiadas, o campeonato de 1944 do Grupo de Xadrez de Lisboa não merece sequer ser considerado como tal — opinião que temos em nosso poder e que é, aliás, o eco de inúmeras outras bastante autorizadas.

Este fracasso pode atribuir-se a diversos factores. O adiamento da época, pouco própria para a intensa ginástica mental a que o xadrezista tem de se entregar; o limitado interesse dos concorrentes, justificado pela modestia do respectivo elenco; e, sobretudo, a péssima organização do torneio — são, porventura, os principais. As culpas que cabem à entidade organizadora são, também, de considerar. Revelaram-se contraproducentes as medidas tomadas pela direcção do Grupo, tendentes a «refrescar» os quadros das categorias superiores, aumentando o número de candidatos às promoções.

A prova careceu de entusiasmo e interesse, por falta de nomes que a ilustrassem, pela ausência do espírito de competição e pelo claro desequilíbrio de forças — só equiparáveis pela negligência dos mais categorizados, com maior ou menor brio desportivo, consoante os pontos de vista.

Os torneios valem mais pela qualidade do que pela quantidade dos participantes. Eis um princípio que deve estar presente no espírito de todos quando de futuras provas — para bem do nosso xadrez!

Como não podia deixar de acontecer, sob o ponto de vista técnico o campeonato foi pobre. Os factos que apontamos não permitiram que os jogadores dispusessem da plenitude dos seus recursos. Exceptuando Fernando de Almeida, apenas os candidatos, em número de cinco, jogaram mais dentro das respectivas possibilidades. Dos consagrados, somente Lupi se exibiu em boa forma. Este facto proporcionou-lhe uma vitória folgada, tendo apenas consentido um empate — e esse mesmo «accidental»... Com este novo triunfo, F. Lupi reconquistou o título de campeão do G. X. L. — que deteve desde 1939, mas que no ano passado lhe havia sido arrebatado por Rui Nascimento.

Em 2.º lugar, com 6,5 pontos, menos 2 do que o primeiro, classificou-se o nosso prezado colaborador Vasco Santos, que se apresentou em forma satisfatória, embora por vezes irregular. Os excessos de confiança, amide observados, fizeram perigar a posição que conquistou logo no começo do torneio, firmada após a renhida partida que disputou contra o jovem Moura.

Os postos imediatos couberam a Artur Cruz, José Luís de Moura e Rui Nascimento, todos com 5,5 pontos e desempatados pelo sistema de Sonborn Berger. De um rápido exame ressalta a modesta classificação de Rui Nascimento, considerado o mais directo rival de F. Lupi. Este comportamento não foi de todo inesperado, pois já no recente campeonato inter-clubes a sua forma tinha suscitado reparos. Artur Cruz, veterano da «B», ingressou na categoria de honra, por haver conse-

**A** aviação desportiva — podemos afirmá-lo sem receio de errar — ainda não esboçou, no nosso país, o mais pequeno sintoma de existência. O pouco que se tem feito deve-se mais à iniciativa e colaboração dos elementos oficiais do que propriamente ao impulso desportivo criado por certa mentalidade aeronáutica.

Houve, é certo, leve bater de asas, aqui e além, mas tão distanciados foram esses lampejos de entusiasmo que, por falta de continuidade, não permitiram colher os frutos que poderiam ter ocasionado — e bem necessários eram num país onde o espírito aeronáutico praticamente não existe e onde é mister criá-lo quanto antes.

A aviação é um desporto, grande e salutar desporto, que os países estrangeiros cultivam com extraordinário entusiasmo, recolhendo vantagens apreciáveis e con-

## AVIAÇÃO DESPORTIVA

### O papel da aviominiatura, do livro e do espectáculo aéreo, no desenvolvimento do espírito aeronáutico

segundo resultados magníficos, que se refletem na vida dessas nações.

O que se fez no campo da aviação desportiva em Portugal resume-se a uma dúzia de festivais...

Diga-se, em abono da verdade, que alcançaram justificado êxito e fizeram delirar o público que ocorreu, em massa, a presenciá-los. Lembremo-nos dos que se efectuaram na Amadora, um deles em homenagem póstuma a Plácido de Abreu — desportista do ar que a morte ceifou em plena luta quando, lá longe, nos céus de Vincennes, disputava, com grande entusiasmo, a «Taça do Mundo de Acrobacia Aérea», lado a lado com os maiores e mais famosos acrobatas estrangeiros.

Se excluirmos estas festas e outra realizada na cidade do Porto, que mais encontramos? Um ou dois «ralles» aéreos e algumas provas isoladas de acrobacia, tanto do agrado do nosso povo. Isto pelo que se refere à actividade dentro do país, porque fora dele tudo se resume na representação de Portugal em Cleveland, na América do Norte, confiada a Plácido de Abreu, e mais tarde, na honrosa mas trágica acção do mesmo aviator no polígono de Vincennes.

E eis tudo — ou quase tudo!

O nosso indiscutível atraso aéro-desportivo é filho da falta de interesse de alguns e, sobretudo, consequência da existência de um espírito aeronáutico que não se desenvolveu — e que tem de criar-se.

Bem sabemos que não se consegue, de

um momento para o outro, uma mentalidade aeronáutica bem constituída, num país onde, ainda há meia dúzia de anos, a aviação era um mito. Tudo necessita de propaganda para que se obtenha progressivo desenvolvimento, útil aproveitamento de energias!

Essa propaganda só agora parece querer esboçar-se firmemente, talvez porque as próprias circunstâncias o exigem.

Como criar o tal espírito aeronáutico de que falámos?

Há, quanto a nós, três formas de o conseguir, quando, superlucamente orientadas, apresentem força poderosa e não um conjunto de tentativas condenadas ao malogro — a aviominiatura, o livro e o espectáculo aéreo.

A aviominiatura é o primeiro degrau, o ABC da Aviação, como muito bem lhe chamou Américo Vaz, em título de um curioso livro. Nela se dão os primeiros

passos, nela se criam os primeiros entusiasmos. O rapaz aprende a construir os seus pequenos aviões, lança-os no espaço e delira com os resultados que obtém.

O livro é, depois, o grande propagandista que amplia, ou deve ampliar, o entusiasmo criado pela aviominiatura. Mas o livro bom, escrito pelos que podem fazer com absoluto conhecimento de causa, o livro que seja útil e não pernicioso, que entusiasme e não desiluda, que incite e não aborreça.

O terceiro factor é, sem dúvida, o espectáculo aéreo, que empolga, arrasta e fascina multidões e as faz delirar com as figuras acrobáticas. Com que entusiasmo o nosso povo anônimo falava de Costa Macedo, de Detrojat, de Novak e Marcel Doret, depois dos festivais da Amadora!

São estes, quanto a nós, os três factores principais para a criação do espírito aeronáutico — mas, repetimos, quando qualquer deles reúna as condições necessárias e não se resume a um conjunto de elementos efêmeros e portanto nocivos.

Fazer construir pequenos aviões, sem método e sem ordem; escrever livros balofos, que nada ensinam; ou organizar festivais que não entusiasmem — é remar contra a maré. Pelo contrário, com uma aviominiatura tecnicamente perfeita, um livro cientificamente escrito e um espectáculo sabiamente organizado, ter-se-á lançado preciosa semente, que dará bons frutos se os soubermos aproveitar e colher.

ANTAS TEIXEIRA

ANO XII — Lisboa, 23 de Agosto de 1944 — II SÉRIE — N.º 90

## STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A.

Redacção e Administração:  
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.  
Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LTD. — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

quido a percentagem requerida. O seu comportamento regular confere-lhe certo merecimento nessa promoção. Contudo, deve acentuar-se que o êxito desta tentativa, da qual foi o único vencedor, filia-se em grande parte nas circunstâncias em que foi disputada a prova. José Luís de Moura, dos melhores xadrezistas da nova geração, classificou-se em 4.º lugar — o posto que se ajusta realmente melhor à sua forma actual. No entanto, poderia ter logrado melhor pontuação, dada a circunstância do período da competição ter acabado por coincidir com a época dos exames.

João Artur Costa, grande animador do xadrez no Grupo Desportivo da Imprensa Nacional, classificou-se em 6.º lugar, com 4 pontos. Chegou a ter consideráveis probabilidades de ingressar também na 1.ª categoria e não o conseguiu porque de facto não estava suficientemente preparado. Araújo Pereira, 7.º classificado, repetiu de novo a desagradável decisão de abandonar a meio da prova, parecendo comprazer-se em diminuir assim a sua curta mas brilhante carreira. A exclusão absoluta deste concorrente seria hipótese bastante aceitável,

a nosso ver, pois registou 4 faltas de comparecimento e deu ao, em duas sessões, a oportuna intervenção do árbitro, aliás sem consequências de maior.

Fernando Almeida e Albino Martins classificaram-se em 8.º lugar, «ex-aequo». Almeida era considerado o único candidato sério à promoção, porque L. Ventura, campeão da categoria B, não pôde concorrer. Depois da brilhante «performance» do torneio inter-clubes, esperava-se de Almeida uma exibição que confirmasse a anterior — mas tal não sucedeu, possivelmente porque foi o jogador que mais se ressentiu dos diversos pormenores que prejudicaram a boa ordem deste campeonato. A. Martins, o mais «dinâmico» estrategista do G. X. L., conseguiu com o seu jôgo característico, à maneira da guerra «Blitz» e que tantas vitórias lhe proporcionou no torneio «B», fazer 2,5 pontos... psicológicos...

A direcção da prova foi confiada a Mestre Gabriel Russell, que pouco uso fez da sua autoridade para remediar, na medida do possível, as faltas e deficiências que apontámos.

J. C. V.